



PSICANÁLISE

Thomas H. Ogden

A matriz da mente

Relações objetais e o diálogo psicanalítico

Blucher

KARNAC

A MATRIZ DA MENTE

Relações objetais e o diálogo psicanalítico

Thomas H. Ogden

Tradução

Giovanna Del Grande da Silva

Revisão técnica da tradução

Vasco Moscovici da Cruz

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

Título original: *The Matrix of the Mind: Object Relations and the Psychoanalytic Dialogue*

© 1986, 1990 Thomas H. Ogden

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Alguns capítulos deste volume são baseados em publicações prévias do autor, que seguem:
Capítulo 2: “Instinct, phantasy and psychological deep structure: a reinterpretation of aspects of the work of Melanie Klein”, *Contemporary Psychoanalysis* 20: 500-525, 1984; Capítulo 6: “The concept of internal object relations”, *International Journal of Psycho-Analysis* 64: 181-198, 1983; Capítulo 7: “The mother, the infant, and the matrix: interpretations of aspects of the work of Donald Winnicott”, *Contemporary Psychoanalysis* 21: 346-371, 1985; Capítulo 8: “On potential space”, *International Journal of Psycho-Analysis* 66: 129-141, 1985.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisão gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ogden, Thomas H.

A matriz da mente : relações objetivas e o diálogo psicanalítico / Thomas H. Ogden ; tradução de Giovanna Del Grande da Silva ; revisão da tradução: Vasco Moscovici da Cruz. – São Paulo: Blucher, 2017.

278 p.

ISBN 978-85-212-1108-2

Título original: *The Matrix of the Mind: Object Relations and the Psychoanalytic Dialogue*

I. Psicanálise I. Título II. Silva, Giovanna Del Grande da III. Cruz, Vasco Moscovici da

16-1054

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	7
Agradecimentos	9
1. O diálogo psicanalítico	11
2. Instinto, fantasia e estrutura psicológica profunda no trabalho de Melanie Klein	19
3. A posição esquizoparanoide: o <i>self</i> como objeto	51
4. A posição depressiva e o nascimento do sujeito histórico	77
5. Entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva	109
6. Relações objetais internas	139
7. A mãe, o bebê e a matriz no trabalho de Donald Winnicott	173
8. O espaço potencial	207
9. O espaço onírico e o espaço analítico	237
Referências	251
Índice remissivo	269

1. O diálogo psicanalítico

*Morremos com os que morrem:
Vê, eles partem e nós vamos com eles.
Nascemos com os mortos:
Vê: eles regressam e trazem-nos com eles.*

—T. S. Eliot, *Four Quartets*

Este livro é apresentado como um ato de interpretação. Perspectivas psicanalíticas diferentes são como línguas diferentes. Apesar da extensiva sobreposição do conteúdo semântico de textos em idiomas diferentes, cada língua cria um significado que não pode ser gerado pelos outros idiomas hoje falados ou preservados na forma escrita. O sujeito interpretador não é um mero carregador passivo de informação de uma pessoa para outra; ele é um preservador ativo e criador de significado, bem como restaurador dos que se encontram alienados. Dessa forma, o sujeito interpretador salvaguarda a completude do discurso humano.

A psicanálise como processo terapêutico e enquanto um conjunto de ideias desenvolve-se na forma de um discurso entre sujeitos, onde cada um interpreta suas próprias produções e as produções do outro. Abordando, por ora, a psicanálise enquanto teoria (ou mais precisamente um conjunto de teorias), cada contribuição significativa traz uma certa resolução de problemas clínicos ou teóricos e, ao fazê-lo, cria um novo dilema epistemológico. Uma contribuição subsequente não se refere mais ao mesmo assunto abordado por uma contribuição anterior, visto que o problema não mais existe; ele foi alterado para sempre. Quanto mais significativa for a contribuição, mais radicalmente (e de forma mais interessante) o problema epistemológico é transformado.

A teoria britânica de relações objetais representa um conjunto de diversas contribuições para o discurso psicanalítico, que alterou a natureza dos problemas epistemológicos atualmente acessíveis a considerações psicanalíticas. Neste volume, várias ideias fundamentais emergentes da escola britânica serão discutidas, principalmente os conceitos introduzidos por Melanie Klein e Donald Winnicott e, de forma mais limitada, os de Ronald Fairbairn e Wilfred Bion. Eu não pretendo avaliar ou sintetizar as contribuições desses analistas; pelo contrário, meu objetivo é esclarecer, criticar e interpretar para, neste processo, gerar novas compreensões analíticas. Apesar de discutir conceitos individuais e grupos de conceitos proporcionados pela escola britânica, eu espero demonstrar o movimento do pensar subjacente ao discurso altamente produtivo no qual essas ideias foram desenvolvidas. As contribuições ao diálogo psicanalítico que pretendo abordar são originárias do período compreendido entre 1925 e o início dos anos 1970. Esse discurso acabou e eu não tentarei reconstruí-lo historicamente. Minha representação de Klein, Winnicott, Fairbairn, Bion e outros não é uma tentativa de replicar o pensamento desses analistas, visto que o momento do diálogo no

qual suas contribuições foram feitas já passou. O que pode permanecer vivo no presente é nossa capacidade de interpretação e é para esse fim que irei direcionar meus esforços.

Tanto no diálogo analítico (entre analista e analisando) como no discurso psicanalítico (entre os pensadores analíticos), cada ato de interpretação preserva a experiência ou ideia original, ao mesmo tempo que simultaneamente gera novos significados e compreensões acerca de si e dos outros. Se o original não for preservado através da linguagem e da memória consciente e inconsciente, nós ficaremos presos em um presente sem fim, sobre o qual não poderemos refletir e sobre o qual não poderemos aprender. O isolamento de qualquer porção do diálogo analítico entre analista e analisando, ou do discurso entre pensadores analíticos resulta em alienação individual ou cultural. Não é como se uma parte do passado desaparecesse; isto não pode acontecer porque o passado é imutável. Porém, nós podemos isolar a nós mesmos da nossa história. História difere de passado pelo fato de que o último é simplesmente uma coleção de eventos, enquanto história é uma criação que reflete nossa memória consciente e inconsciente das nossas representações individuais e coletivas, distorções e interpretações sobre o passado. Ao nos isolarmos da história dialógica que nos precedeu e, de certa forma, criou o nosso presente, passamos a ter mais dificuldade para reconhecer e compreender nós mesmos totalmente através de símbolos, significados, ideias, sentimentos, arte e do trabalho que criamos. Conforme nos isolamos de uma porção do discurso, nós morremos, porque, proporcionalmente a esse isolamento não existimos para nós mesmos (por exemplo, em termos de autorreflexão). Uma das metas principais da psicanálise clínica é a de recuperar a experiência pessoal alienada, isolada do discurso intra e interpessoal, um processo que permite ao analisando reconhecer mais profundamente quem ele é

e quem está se tornando. Nessa recuperação, o analisando torna-se mais vivo enquanto ser humano subjetivo e histórico. Ele aumenta a sua capacidade de participar de um diálogo intra- e interpessoal mais completo (e menos alienado de si mesmo). Ele torna-se menos amedrontado com relação àquilo que isolou de si mesmo e, conseqüentemente, torna-se mais livre.

Meu objetivo no presente volume é contribuir para a recuperação do conteúdo alienado através de minhas próprias interpretações das ideias introduzidas por Klein, Winnicott, Fairbairn e Bion. A amplitude das contribuições desses analistas foi isolada do diálogo psicanalítico mundial, levando a uma forma extenuada de alienação do pensamento psicanalítico (ver Jacoby [1983] para uma discussão do caráter não histórico da psicanálise americana nos últimos quarenta anos).

A primeira parte desse volume reinterpreta aspectos do trabalho de Melanie Klein. No capítulo inicial sobre Klein (Capítulo 2), é utilizado um estudo da concepção kleiniana de fantasia, como um veículo para explorar a teoria psicanalítica do instinto como uma teoria do significado. Irei propor que o conceito de Chomsky de estrutura linguística profunda seja uma analogia útil no entendimento da concepção kleiniana de “herança filogenética de ideias”. A teoria do instinto não é vista como uma teoria do que é herdado ou de ideias pré-formadas, mas sim como uma teoria de códigos organizadores inatos (associados com os instintos de vida e de morte), pelos quais a percepção é organizada e os significados são atrelados à experiência de um modo altamente determinado.

A reinterpretação da teoria kleiniana de instinto proporciona uma nova compreensão do significado monumental que tem a teoria de instinto de Freud. A contribuição de Freud não é um texto estático, mas sim um conjunto de ideias em constante evolução

e transformação no contexto do diálogo subsequente. Tomamos como fato indiscutível a impossibilidade de entender Klein, sem compreender Freud; também é verdade que não se pode compreender amplamente Freud sem entender Klein. Freud sabia que sua escrita continha mais significado do que ele próprio percebera. Por essa razão, ele raramente revisava seus trabalhos anteriores; ao invés disso, ele mantinha a forma original do texto e acrescentava as ideias desenvolvidas posteriormente como notas de rodapé. Dessa forma, ele evitava ofuscar inadvertidamente a verdade expressa na versão anterior, verdade essa que se preocupava em não perder a medida que seu pensamento “progredia”.

A teoria kleiniana está fortemente centrada na natureza primitiva dos conteúdos, porém esse aspecto mais explícito do pensamento de Klein deixa de levar em consideração a teoria implícita da teoria biológica como continente organizador dos conteúdos cognitivos e afetivos da mente. Nos Capítulos 3, 4 e 5, as concepções kleinianas de posição esquizoparanoide e posição depressiva são interpretadas como concepções de estados do ser. Entrar nessas posições representa a transição da experiência puramente biológica para uma psicológica (posição esquizoparanoide) e da experiência psicológica impessoal para uma subjetiva (posição depressiva). Os estados distintos do ser associados a cada uma dessas posições (em um interjogo dialético similar ao da mente consciente-inconsciente, porém sem divisões ao longo de linhas de consciência) constituem componentes duradouros fundamentais para todos os estados psicológicos subsequentes.

Uma série de vinhetas clínicas é apresentada no Capítulo 5, com foco em pacientes envolvidos na transição que parte de um modo predominantemente esquizoparanoide para um modo depressivo de organização das experiências. É fundamental que o terapeuta consiga reconhecer e compreender a natureza dessa tran-

sição, visto que a forma como ele vê essa mudança no paciente influencia fortemente no modo como o terapeuta ouve e intervém com o paciente, além de como ele compreende as respostas do paciente às suas intervenções.

No Capítulo 6, traça-se o desenvolvimento do conceito de relações objetais internas a partir dos trabalhos de Freud, Abraham, Klein, Fairbairn, Winnicott e Bion. A revisão de Fairbairn sobre Freud e Klein constitui um avanço crítico no desenvolvimento da teoria das relações objetais. Eu proponho, nesse capítulo, que as relações objetais internas sejam pensadas como aspectos pareados, divididos, ou reprimidos do ego. Esses aspectos pareados do *self* (o relacionamento objeto interno) não são vistos apenas como representações de *self* e objeto, mas como suborganizações pareadas de personalidade, capazes de gerar experiência de forma semiautônoma.

Essa discussão sobre o conceito de relações objetais internas representa uma exploração de um dos lados – o lado do objeto ou conteúdo – de um relacionamento dialético entre o continente e o que é contido, um relacionamento entre o espaço psicológico interpessoal e seus conteúdos mentais. Assim, esse capítulo prepara o campo para o estudo do trabalho de Donald Winnicott, que se dedicou ao estudo do outro lado – o do continente – desse par dialético.

Nos três capítulos finais, procuro esclarecer, interpretar e ampliar aspectos do trabalho de Donald Winnicott, incluindo suas concepções acerca do desenvolvimento mãe-criança. Tanto o trabalho de Freud como o de Klein enfocaram a natureza dos conteúdos, funções e estruturas psicológicas e suas manifestações intrapsíquicas e interpessoais (por exemplo, transferenciais). Winnicott expandiu seu campo de exploração psicanalítica com o estudo acerca do desenvolvimento do espaço no qual os conteúdos mentais, as funções, estruturas e as relações interpessoais existem.

Nos Capítulos 8 e 9, o conceito de espaço potencial de Winnicott é discutido em termos de uma série de relacionamentos dialéticos entre realidade e fantasia, eu e não eu, símbolo e simbolizado etc., sendo que cada polo cria, preserva e nega o seu oposto. Esse conceito talvez seja a contribuição mais importante de Winnicott à psicanálise e, ao mesmo tempo, sua ideia mais inatingível. O espaço potencial não inicialmente intrapsíquico, pois nos estágios iniciais da infância ainda não há uma psique individual, mas sim um espaço interpessoal criado primeiramente em conjunto, pela mãe e pela criança. É nesse espaço que o indivíduo criança “começa a ser” (Winnicott, 1967a) e posteriormente aprende a jogar, sonhar, trabalhar e a criar e interpretar símbolos. Uma falha no processo de criação ou manutenção desse processo dialético leva a psicopatologias que incluem pensamentos, sentimentos e percepções vistos como “coisas em si mesmas”; o fim da imaginação; o uso fetichista do objeto; e uma falha na assunção de significado à experiência.

Contribuições importantes para a conceituação dos conteúdos mentais psicanalíticos emergem do diálogo que constitui a teoria das relações objetais (por exemplo, o conceito de preconcepção de objetos [estrutura psicológica profunda], o conceito de relações objetais internas, a noção de descobrimento quanto ao caráter externo dos objetos). Porém, além desses pontos, há o entendimento desenvolvido nessa porção do diálogo psicanalítico de que conteúdos mentais existem em um espaço psicológico que é, primeiramente, quase que completamente interpessoal, para evoluir mais tarde em um ambiente pessoal interno. É esse interjogo dialético entre os nossos conteúdos mentais, e o espaço psicológico pessoal e interpessoal onde são vividos que constituem a matriz da mente.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

A matriz da mente

Relações objetais e o diálogo psicanalítico

Thomas H. Ogden

ISBN: 9788521211082

Páginas: 278

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2017